FOTO: ROGÉRIO ALONSO

MOBILIDADE PARA TODOS

| POR ALINE LILIAN DOS SANTOS

Em meio a um cenário de crescimento urbano desordenado, transformações climáticas e esgotamento dos recursos naturais, qual o papel da mobilidade urbana sustentável para a qualidade de vida nas cidades brasileiras? Foi essa questão que motivou o ex-aluno da FGV-EAESP Ricky Ribeiro a idealizar o Mobilize Brasil, primeiro portal no país a trazer conteúdo exclusivo sobre o tema.

Graduado em Administração Pública pela FGV-EAESP e com mestrado em Sustentabilidade pela Universidade Politécnica da Catalunha, Ricky, juntamente com uma equipe de parceiros e colaboradores, monitora a mobilidade em todo o país, coletando e analisando dados, denunciando problemas e pressionando as autoridades a fim de contribuir para a melhora da qualidade de vida nas cidades brasileiras.

E ele faz tudo isso em sua cama, já que em 2008 foi diagnosticado com esclerose lateral amiotrófica, mais conhecida como ELA, doença degenerativa que afeta os movimentos. Mesmo diante de suas restrições físicas, Ricky dá um exemplo de determinação, trabalhando por cidades com mais mobilidade.

Confira a entrevista exclusiva que o idealizador do Mobilize concedeu à *GV-executivo* por meio de um leitor óptico que lhe permite “escrever com os olhos”.

GV-executivo: Como surgiu a ideia de trabalhar com mobilidade urbana sustentável e criar o portal Mobilize?

Ricky: Minha vontade de trabalhar para um bem comum é anterior à doença. Durante o curso de graduação na EAESP, trabalhei por um ano e meio no Departamento de Planejamento Urbano e Meio Ambiente e na Secretaria de Cultura de uma cidade da região metropolitana de São Paulo. Em janeiro de 2003, pouco tempo depois de formado, fundei com dois colegas de faculdade a Associação Abaporu, uma OSCIP voltada a projetos nas áreas de educação, cidadania e cultura.

Meu interesse em mobilidade e urbanismo ganhou relevância quando fui para Barcelona cursar um mestrado em Sustentabilidade. Fiquei encantado ao constatar que a qualidade de vida das pessoas pode ser infinitamente melhor em uma cidade com uma disposição urbana inclusiva, que valoriza os espaços públicos, estimula a convivência social entre diferentes grupos e classes, e prioriza os meios de transportes públicos e não motorizados. Depois de usufruir deste estilo de vida durante dois anos e meio, em uma cidade compacta e acolhedora, comecei a estudar o assunto e a vislumbrar maneiras de melhorar a qualidade de vida nas cidades brasileiras.

Ao ser diagnosticado com ELA no fim de 2008, tive que deixar meu trabalho como consultor e me adaptar a uma nova realidade. Em janeiro de 2011, cansado de me dedicar quase que exclusivamente a diferentes tratamentos, comecei a pesquisar muito sobre mobilidade urbana sustentável. Com dificuldade motora nas mãos, fazia um esforço enorme para buscar conteúdo espalhado

pela internet. Ao me deparar com muitas informações dispersas, veio a ideia de criar um portal que pudesse agregar, produzir e disseminar conteúdo de qualidade e relevância relacionado à temática. Assim, idealizei o Mobilize. Convidei alguns amigos com quem estudei na GV e que moraram comigo em Barcelona, e apresentei o projeto. Eles gostaram e começaram a se “mobilizar”. Do dia em que tive a ideia até o lançamento do site, passaram-se exatos 8 meses: o portal foi ao ar dia 15 de setembro de 2011.

GV-executivo: Qual é o principal objetivo do Mobilize?

Ricky: Contribuir para a melhoria da mobilidade urbana e da qualidade de vida nas cidades brasileiras. Isso significa que desejamos cidades mais humanas e democráticas, com transporte público de qualidade, maior estrutura cicloviária e calçadas acessíveis, gerando menos acidentes e um ar mais limpo. Buscamos alcançar esse objetivo geral por meio de diferentes ações: provendo conhecimento e conteúdo relevante, fomentando o debate público, disseminando cultura participativa, pressionando governos para implantarem políticas públicas...

GV-executivo: Como o portal se sustenta financeiramente?

Ricky: No momento, duas empresas patrocinam o Mobilize: o banco Itaú e a seguradora Allianz. Além disso, temos o programa *Parceiros Contribuintes* para doações de pessoa física. Qualquer um pode colaborar e se tornar parceiro.

GV-executivo: O Mobilize conta, em média, com quantos colaboradores e parceiros na produção de conteúdo?

Ricky: Atualmente, oito pessoas trabalham regularmente no portal, sendo a maioria em tempo parcial. Também temos três conselheiros muito atuantes, todos meus colegas de FGV: Guilherme Bueno, Nelson Avella e Renato Miralla.

Além disso, contamos com uma rede de colaboradores voluntários interessados na causa. Eles nos contataram – grande parte pelo site, por meio do canal Fale Conosco – e se ofereceram para contribuir. São especialistas, ativistas, professores, estudantes, jornalistas, viajantes, portadores de necessidades especiais e gestores públicos que colaboram enviando artigos, pesquisas, reportagens, fotos e vídeos, publicados com os respectivos créditos.

GV-executivo: Além de oferecer informações e estudos sobre o tema, o Mobilize também realiza ações que ajudam a implementar melhoras na mobilidade?

Ricky: Não diretamente. No entanto, realizamos campanhas e atividades para pressionar governos e influenciar políticas públicas. Por exemplo, o relatório final da campanha Calçadas do Brasil, realizado em 2012, foi entregue ao Ministério Público e aos prefeitos de 12 capitais. Salvador e Manaus, que ficaram nas últimas colocações no *ranking*, reformaram calçadas mal avaliadas pelo Mobilize devido à pressão que exercemos e à repercussão na mídia.

GV-executivo: Quais são os maiores problemas de mobilidade no país atualmente?

Ricky: A falta de prioridade aos transportes públicos e não motorizados contribuiu para uma série de problemas como poluição, acidentes de trânsito e perda de qualidade de vida. Nas últimas décadas, praticamente todas as grandes cidades brasileiras adotaram um modelo baseado no transporte individual e negligenciaram outras formas de deslocamento. Fica evidente o descaso com o transporte coletivo (má qualidade dos serviços, poucos investimentos, abandono dos bondes) e o desrespeito aos pedestres e aos ciclistas.

Outro importante problema é a falta de cuidado com as calçadas. Segundo a Associação Nacional de Transportes Públicos (ANTP), 36,8% dos deslocamentos no Brasil são realizados exclusivamente a pé, considerando cidades com mais de 60 mil habitantes. Em São Paulo são 31%, ou seja, um terço do total de viagens, conforme apontou a pesquisa Origem-Destino, realizada em 2012 pelo Metrô e pelo

Governo do Estado. Isso sem contar os percursos até o transporte público, carro ou bicicleta, deixando evidente que os deslocamentos a pé são parte importante do sistema de mobilidade. No entanto, o poder público não dá a devida importância aos pedestres, e prova disso é a situação em que as calçadas se encontram. Nós, do Mobilize, defendemos que, assim como as ruas e avenidas, as calçadas são responsabilidade das prefeituras. Exemplos de outros países mostram que somente o poder público tem capacidade e autoridade para mantê-las nos padrões necessários.

GV-executivo: O que você define como mobilidade urbana sustentável e quais os principais desafios para a sua implantação, principalmente em grandes cidades que são estruturadas para as pessoas se locomoverem de carro?

Ricky: A melhor definição, para mim, vem da Política Nacional de Mobilidade Urbana Sustentável: é o acesso amplo e democrático ao espaço urbano, por meio da priorização dos transportes coletivos e não motorizados, de forma efetiva, socialmente inclusiva e ecologicamente sustentável.

Durante décadas, as cidades insistiram em um modelo de transportes com foco no automóvel. A quebra desse paradigma é um grande desafio para a implantação de formas mais saudáveis e democráticas de deslocamento. Além disso, grande parte da população só viveu essa realidade e não tem referências de modelos que priorizem pedestres, ciclistas e transporte coletivo.

GV-executivo: O número de ciclovias e ciclofaixas aumentou consideravelmente nos últimos meses em São Paulo. Como você avalia isso?

Ricky: Avalio de modo bastante positivo. É uma forma de dar maior segurança aos ciclistas e incentivar o uso da bicicleta. Depois que construíram a ciclovia na avenida Faria Lima, por exemplo, o número de ciclistas aumentou significativamente. Muitos deles, inclusive, costumavam se deslocar de automóvel anteriormente. Essa troca do carro ou do transporte público pela bicicleta faz bem para a cidade em relação à poluição, à saúde pública, à necessidade de infraestrutura, entre outros pontos.

Além disso, a criação de ciclofaixas vai ao encontro da Política Nacional de Mobilidade Urbana, sancionada em 2013, a qual indica que os transportes não motorizados têm prioridade sobre os motorizados. São Paulo tem 17.000 km de vias, o projeto prevê implantar ciclofaixas ou ciclovias em 400 km, ou seja, apenas 2,3% das ruas. Menos de 30% dos deslocamentos

SÃO PAULO TEM 17.000 KM DE VIAS E HÁ PREVISÃO DE IMPLANTAR CICLOFAIXAS OU CICLOVIAS EM APENAS 2,3% DELAS. MENOS DE 30% DOS DESLOCAMENTOS SÃO FEITOS DE CARRO, MAS ELES OCUPAM MAIS DE 80% DAS RUAS. ESTÁ CLARO QUE EXISTE UMA INEQUIDADE NO USO DO ESPAÇO PÚBLICO

da cidade são feitos de carro, mas eles ocupam mais de 80% das vias. Está claro que existe uma inequidade no uso do espaço público.

GV-executivo: A acessibilidade para pessoas com deficiência física no Brasil ainda é muito defasada. Como você, que faz parte desse público, vê isso? Por que é tão difícil despertar a consciência de órgãos públicos e privados nesse sentido? Que medidas relevantes precisam ser tomadas para mudar esse cenário?

Ricky: A acessibilidade deve ser pensada de modo a contemplar todos, não só cadeirantes, mas idosos, crianças, pessoas com malas, carrinhos de bebê e mesmo adultos saudáveis. Entretanto, se o planejamento for destinado a alguém que necessita de cadeira de rodas ou de andador para se locomover, provavelmente também atenderá os demais.

O que acontece no Brasil é que o poder público imputa a responsabilidade pelas calçadas aos proprietários dos imóveis, mas se é quase impossível implantar um padrão em um quarteirão, imagine em uma cidade. Garantir calçadas acessíveis e padronizadas é o primeiro passo para permitir que o cadeirante consiga se deslocar. Mas isso, infelizmente, as cidades brasileiras estão longe de oferecer.

GV-executivo: A implantação de espaços de convivência, como os *parklets* (extensões temporárias de calçada), é cada vez maior. Como essas medidas podem contribuir para uma cidade mais sustentável?

Ricky: A implantação desses espaços contribui para a construção de cidades mais humanas, democráticas e agradáveis. Ao estimular a ocupação dos espaços públicos pela população, a tendência é aumentar a sensação de segurança, a tolerância e os deslocamentos a pé.

GV-executivo: De que forma a FGV contribuiu para o desenvolvimento do Mobilize?

Ricky: O curso de Administração Pública e o estágio na área pública contribuíram para o meu desejo de trabalhar

para o bem comum. Além disso, o conhecimento adquirido em planejamento e gestão, bem como a rede de contatos estabelecida durante a faculdade, foram fundamentais para a fundação da OSCIP Associação Abaporu, para a realização do meu mestrado em Sustentabilidade e para a criação do Mobilize. Essas conquistas tiveram envolvimento direto dos meus colegas da GV.

GV-executivo: Apesar de seus movimentos serem limitados, sua carreira é direcionada a discutir e buscar novas alternativas para a mobilidade no país. O que te motiva a exercer esse papel na sociedade?

Ricky: Perdi os movimentos, mas tenho o privilégio de ter todo o tempo para pensar. Conto com um equipamento chamado Tobii Eye, que me permite “escrever com os olhos”.

Trabalhar pela melhora da mobilidade nas cidades brasileiras me gera uma grande satisfação. Nunca estive tão realizado profissionalmente como agora. Fico tão envolvido com as atividades do Mobilize que não tenho tempo para lembrar que estou doente. Percebo isso pelos meus sonhos: antes de criar o portal, eu aparecia frequentemente com algum tipo de limitação física. Atualmente, apareço completamente bom, como se nunca estivesse ficado doente.

Minha intenção é que o portal dependa cada vez menos de mim e possa se desenvolver, contribuindo para a qualidade de vida nas cidades. Quando se tem consciência da brevidade da vida e da dificuldade que as limitações impõem, a dedicação intensa a um trabalho torna a aventura de viver mais leve e gratificante. Quicá possa ser um exemplo, uma inspiração para outras pessoas que também queiram dar a sua contribuição para construir um mundo melhor para se viver.

Para conhecer o Mobilize é só acessar: mobilize.org.br ●

ALINE LILIAN DOS SANTOS > Jornalista da GV-executivo > aline.lilian@fgv.br